

Como pode um cientista ser cristão nos nossos dias?

(Resumo do texto de Richard H. Bube, “How can a scientist be a Christian in today’s world?” in: Sir Nevill Mott (Ed.), *Can Scientists Believe?*, James & James, London:1991, pp. 109-120, apresentado na reunião do dia 19/11/2008 do Grupo Pe. Leonel Franca da PUC-Rio pelo Pe. Pedro M. Guimarães Ferreira S.J.)

O autor apresenta ao início, com simplicidade, suas credenciais, para falar sobre o assunto:

Ele doutorou-se em Física pela Princeton University, sendo Professor de Stanford desde 1962, de acordo com [1]. Professor de Ciência dos Materiais e Engenharia Elétrica, ele se dedicou à pesquisa científica nos últimos 42 anos - até o momento de o artigo ser escrito, não antes de 1991 - tanto num laboratório de pesquisa industrial (14 anos) como numa Universidade de Pesquisa, Stanford (últimos 28 anos), tendo publicado 250 artigos científicos, além de muitos outros apresentados em Conferências e Congressos em vários países. Atuou como Editor científico de muitos periódicos e escreveu quatro livros, bastante lidos, sobre assuntos científicos, dos quais três foram traduzidos para várias línguas: um sobre fotocondutividade dos sólidos, outro sobre propriedades eletrônicas de sólidos cristalinos e outro sobre os elétrons dos sólidos [2]. E conclui honestamente que pode falar como membro da comunidade científica.

Por outro lado, há 50 anos ele entregou sua vida a Deus através da fé em Jesus Cristo e tem sido ativo em pelo menos quatro comunidades de fé cristã. Publicou um livro sobre doutrina cristã [3]. Tem, além disso, atuado de modo intermitente na maior parte dos últimos anos como professor e pregador leigo. E conclui com simplicidade que também pode falar como membro da comunidade cristã.

Mais ainda, nota que seu lado cristão e seu lado científico não têm permanecido isolados um do outro. Pelo contrário, ele tem, durante muitos anos, procurado investigar a fronteira e as interações entre a ciência e a fé cristã. E esta investigação foi descrita em mais de 100 artigos. Durante 15 anos ele atuou como Editor de um periódico sobre ciência e fé cristã. Escreveu, além do já mencionado livro sobre doutrina cristã, quatro livros sobre ciência e cristianismo [4] e deu mais de 60 palestras em diversas universidades do mundo sobre este assunto.

É comum as pessoas acharem, diz ele, que ser cristão e cientista foi possível no passado, mas não mais atualmente. Entretanto, antes de mais nada, é preciso ter a definição destas duas coisas, ciência e religião. Ora, a ciência é uma maneira de entender as coisas, mas *não a única* maneira. O objetivo da ciência é descrever os eventos da natureza e prover modelos para a descrição destes fenômenos, explicando *como* eles ocorrem. A ciência tem uma componente experimental, a interação com o mundo, e uma teórica, a interpretação humana do fenômeno. Ele sustenta a posição, chamada às vezes de *realismo crítico*, que afirma que a ciência nos diz algo sobre a natureza da realidade, mas não responde a muitas questões de importância fundamental, não nos dando uma compreensão absoluta de qualquer coisa.

As limitações da ciência

Em última análise, como qualquer atividade humana significativa, a ciência é baseada em fé – fé que o universo é ordenado, pode ser entendido, e as experiências podem ser repetidas, dando sempre os mesmos resultados. É um engano supor que a ciência é uma

empreitada objetiva independente de fé. (E alguns afirmam que são “sem sentido” as perguntas que a ciência não pode responder).

A ciência também é limitada pelo fato de ser uma atividade “impessoal”, consequência disso sendo o reducionismo metodológico, tentando explicar o mais complexo pelo menos.

E, finalmente, é significativo o fato que a ciência, interpretada apropriadamente, não provê nenhuma base para a moral ou a ética. A ciência é, por sua própria natureza, amoral. Muitos pretendem derivar a ética a partir da ciência, mas há sempre uma falácia, a saber, confundindo o que *é* com o que *deve ser*. Efetivamente, o discurso da ciência é sempre sobre aquilo que *é*, nunca sobre o que *deve ser*.

A importância da ciência

Seria um erro concluir que o que foi escrito até agora significaria um desprezo do autor pela ciência. O que ele quer, efetivamente é distinguir ciência de cientificismo, o qual é uma exaltação da ciência ao equivalente de uma visão religiosa do mundo. Neste contexto, como caso particular, ele aborda brevemente a questão da liberdade, observando que para muitos esta é definida como a ausência de toda restrição. E observa com propriedade que a “ausência de toda restrição” é na realidade uma boa definição de caos ou anarquia, nunca de liberdade. Com efeito, a ciência, e mais ainda a engenharia, nos ensinam que a liberdade genuína é alcançada pelo reconhecimento das restrições em que vivemos e responder de modo criativo a estas restrições.

Definição da teologia cristã

Em analogia com a definição de ciência, podemos definir a autêntica teologia cristã como um conhecimento baseado na interpretação humana da revelação bíblica e na experiência humana. A teologia é assim *uma* maneira de conhecer, não a *única* maneira de conhecer. Tal como a ciência, a teologia nos provê com valiosos “insights” a respeito da realidade. As descrições científica e religiosa devem ser vistas como *complementares*: as duas provêm diferentes informações a respeito das mesmas coisas. Isto evita o conflito das duas, que ocorre quando se pretende obter a mesma informação a respeito das mesmas coisas. Isto evita também o outro extremo, o de “compartimentalização”, que é o de considerar as duas perspectivas como sendo a de diferentes informações a respeito de coisas também diferentes, a qual conduz a uma total separação dos dois aspectos da realidade. [Trata-se de um “kantismo” teológico; assim como Kant colocou um abismo entre o fenômeno e o “númenon”, coloca-se aqui um abismo entre o mundo da religião e o mundo da ciência. (NT)]. Fundamentalmente, a teologia cristã diz respeito a respostas à pergunta “Quem?”, enquanto que a principal ocupação da ciência é a resposta à pergunta “Como?” Criação do mundo (que *não* é uma alternativa à evolução), Revelação, a origem do mal, a ação de Deus a nosso favor no amor de doação expresso em Jesus Cristo, eis as questões da Teologia cristã.

Questões principais

Passa a seguir a estudar algumas das principais questões confrontadas por uma pessoa que queira ser advogado de uma autêntica ciência e de uma autêntica teologia hoje em dia.

- 1) A moderna compreensão científica tornou Deus desnecessário;
- 2) A crença no sobrenatural se tornou impossível;
- 3) A ciência mostrou que o Cristianismo é *somente...*;
- 4) Os milagres violam nossa compreensão do mundo;
- 5) Pode-se realmente considerar a Bíblia como um fonte de revelação divina?

Deus se tornou desnecessário?

Para muitos, Deus é um “tapa-buracos”, sua ação sendo invocada sempre que a ciência não dá conta. Ora, este conceito de Deus vai se tornando insustentável à medida que a ciência avança. É claro que tal conceito de Deus conduz à evidência de uma ação cada vez menor de Deus. É preciso, isto sim, reconhecer a presença de Deus em todos os fenômenos, tanto os naturais como os sobrenaturais, sendo que a existência mesma do universo material depende a cada momento de Deus que o sustenta na sua existência.

A fé no sobrenatural se tornou impossível?

Há sobre este ponto uma falta de compreensão fundamental. Muitas pessoas acham que o sobrenatural se opõe ao natural, os dois conceitos sendo mutuamente exclusivos, mas tal não é o caso. Com efeito, todo evento pode ser considerado simultaneamente de duas maneiras, uma expressa de uma perspectiva natural e outra de perspectiva sobrenatural. É um exemplo de descrições complementares, mencionadas antes. Dizer que um evento é “natural” é equivalente a afirmar que ele é suscetível de investigação científica. Mas isto não significa que uma explicação científica provê todas as informações de valor acerca do evento; significa que alguma informação a respeito dele pode ser obtida a partir de investigação científica. Por outro lado, dizer que um evento é intrinsecamente ‘sobrenatural’ é afirmar que não é possível dar dele uma descrição científica que seja relevante. “Qual o sentido do evento? Qual o seu objetivo? Como este evento se relaciona com Deus,...com a realidade última?” Estas perguntas correspondem a uma descrição sobrenatural do evento. *Trata-se de uma descrição que não provem do evento mesmo ou da sua descrição, mas de um contexto global dentro do qual o evento deve ser visto.*

A ciência mostrou que o cristianismo é somente...

Sentenças que começam da maneira acima são inúmeras: “somente uma experiência psicológica”, “somente uma outra religião”, “somente um fenômeno social”, etc. O ponto a ser ressaltado aqui é que a ciência nunca pode dizer que qualquer coisa é “somente algo”. Assim, por exemplo, “o ser humano é uma máquina” é uma afirmação científica, mas “o ser humano é somente uma máquina” é uma especulação filosófica que não é derivável da ciência. Todo “somente” é uma afirmação subjetiva, a ciência mesma não conhece “somente’s”.

Os milagres violam nossa compreensão do mundo

Um dos pontos em que a ciência e a teologia cristã parecem discordar mais é na questão dos milagres. Ora uma definição apropriada de milagre diz primeiramente que o milagre ou aparece como uma violação das leis da natureza, tais como são conhecidas ou como uma coincidência extremamente improvável e em segundo lugar como tendo um significado mais profundo do que um evento raro para a pessoa envolvida.

Ora, afirma-se que a ciência mostrou que o milagre é impossível. O que se quer dizer efetivamente é que visto que o milagre não cabe na estrutura da verdade científica, ele não pode ser verdadeiro.

Mas tendo em vista que os milagres são eventos históricos únicos, a ciência nada pode dizer a respeito deles. O único juízo razoável da ciência a respeito dos milagres é que eles não são esperados. Mas esta afirmação nada mais diz que a verdadeira natureza do milagre e portanto não se constitui em um argumento contra sua existência.

Um dos mais perturbadores aspectos dos milagres é que eles são considerados uma intervenção de Deus em um mundo bem ordenado e regido por leis.

Mas não precisamos considerar o mundo como tendo sido feito por Deus em algum instante do passado com todas as suas leis físicas, um “momentum” inicial a partir do qual o universo evolui de forma autônoma; esta é uma visão deísta e não bíblica. Neste modo de pensar, o milagre se torna uma afronta ao trabalho de criação.

A perspectiva bíblica, pelo contrário, é que a existência mesma do universo, de instante a instante, depende do poder criador e “sustentador” de Deus. Nesta perspectiva, as leis da física são descritivas e não prescritivas. Assim, a ação de Deus num milagre não é diferente, qualitativamente, da ação de Deus nos fenômenos naturais. Fazer o milho crescer não exige de Deus uma espécie de ação diferente daquela pelo qual um morto é ressuscitado.

Quando os milagres são reconhecidos como uma forma particular da ação de Deus no mundo, quando eles são associados com a pregação da Palavra de Deus, a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, eles são claramente distinguíveis das mágicas e bruxarias.

Pode-se considerar a Bíblia como uma fonte da Revelação de Deus?

A maior barreira, possivelmente, para o cientista aceitar a Bíblia como revelação de Deus é a mentalidade “cientificista” segundo a qual toda informação confiável deve provir de investigação científica. É preciso tomar consciência de que isto é um ato de fé do cientista e não algo exigido pela própria ciência ou que seja coerente com nossa experiência global da vida. O problema é a orientação filosófica do cientista ao dividir a realidade entre observadores e coisas observadas, não levando em conta (suficientemente) as relações interpessoais. Para conhecer uma pessoa, falar e ouvi-la é essencial.

A ciência é o resultado da interpretação humana de eventos no mundo natural e nossa confiança na ciência se baseia, ao menos parcialmente, na nossa fé na confiabilidade e reprodutibilidade dos eventos. O teste desta fé é nossa resposta à pergunta: “a ciência é possível?”

A teologia cristã é o resultado da interpretação da Bíblia e da experiência humana; nossa confiança nos conteúdos da teologia se baseia, ao menos parcialmente, na nossa fé na autenticidade e confiabilidade da Bíblia e na experiência humana. O teste desta fé é nossa resposta às questões: “Deus existe?” e “Ele se revelou a nós?”.

Assim como não se pode fazer ciência sem a fé na sua possibilidade, assim também a revelação de Deus não pode ser entendida e exposta na teologia sem a fé na sua existência e na sua auto – manifestação a nós.

Nos séculos precedentes os cientistas que também eram cristãos falavam do “livro de Deus da natureza” e do “livro de Deus da Bíblia”. A natureza era considerada a revelação de Deus através da criação e da sua “sustentação”, enquanto que a Bíblia era a revelação

de Deus através da palavra e de feitos. Como dito acima, a leitura destes dois livros requer o uso da interpretação humana e de princípios apropriados de interpretação. Quando a interpretação apropriada é aplicada ao mundo natural, obtemos a ciência autêntica e quando a respectiva interpretação apropriada é aplicada à Bíblia, obtemos a teologia autêntica. Esta descrição pode ser considerada simplista na nossa era sofisticada, mas eu creio que ela ainda se aplica.

Um dos maiores problemas neste contexto é que o ser humano tem uma capacidade infinita de fazer confusão. Mesmo na ciência, onde é mais difícil fazer confusão, não há falta de fraudes, excêntricos e charlatões, que tentam defender uma pseudociência, deixando de lado princípios estabelecidos a partir dos quais se interpreta o mundo natural. Portanto, não nos deveria surpreender que na teologia, onde é muito mais fácil se desgarrar da interpretação apropriada, não ter havido falta de hereges, apóstatas e assemelhados, que tentam promover uma pseudo-teologia, abandonando princípios estabelecidos da interpretação da Bíblia.

O problema da revelação bíblica se agrava também pelas grandes diferenças de interpretação na comunidade cristã. Entretanto, esta é uma matéria de registro histórico e não de necessidade lógica. Reconhece-se que a Bíblia é, efetivamente, o registro das revelações de Deus acerca de Si mesmo; e daí que os problemas resultantes de considerá-la como uma narração literal podem ser evitados.

Deus traduziu os atributos do seu Ser – amor, misericórdia, santidade, justiça, poder – de maneira que o ser humano possa entender, acreditar e responder. O clímax da revelação de Deus de si mesmo é a pessoa de Jesus Cristo.

A presente abordagem pode ser considerada inconsistente com uma visão cientificista do mundo. Mas a tese deste trabalho é que a visão cientificista não é exigida pela ciência, sendo muito menos consistente com a totalidade da nossa experiência de vida do que uma cosmo-visão baseada na revelação bíblica, incapaz, efetivamente, de responder aos problemas fundamentais enfrentados por todo ser humano.

Referências

[1] <http://www.asa3.org/aSA/PSCF/1989/PSCF9-89Bube.html>

[2] R. H. Bube, *Photoconductivity of Solids* (Wiley: NY, 1960); *Electronic Properties of Crystalline Solids* (Academic Press: NY, 1974); *Electrons in Solids* (Academic Press: NY, 1981), 2nd Edition (1988); A. L. Fahrenbruch and R. H. Bube, *Fundamentals of Solar Cells* (Academic Press: NY, 1984)

[3] R. H. Bube, *To every man an answer: a Textbook of Christian Doctrine*. Moody Press: Chicago, Ill., 1955.

[4] R. H. Bube, *The Encounter Between Christianity and Science* (Eardman: Grand Rapids, Michigan, 1968); *The Human Quest: A New Look at Science and Christian Faith* (Word: Waco, Texas, 1971); *Science and the Whole Person* (ASA: Ispwich, MA, 1985); *Shaping the Future: Modern Science and Christian Choices*, a ser publicado (na época em que o presente artigo foi escrito).

